

## CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DO POVOAMENTO EM SÃO PAULO ATÉ FINS DO SÉCULO XVIII

*Rubens Borba de Moraes*

Existe entre os paulistas era geral, uma certa tendência para considerar a expedição de Martim Afonso de Souza, como uma descoberta do território paulista. A fundação de São Vicente pela armada affonsina é estudada por muitos historiadores no mesmo plano que a descoberta do Brasil por Alvares Cabral. É erro a nosso ver. É erro grave não se considerar com bastante atenção tudo quanto existia antes de Martin Afonso.

É verdade que pouca coisa se sabe sobre a história pre-affonsina de São Paulo. Mas os poucos documentos a nossa disposição nos contam fatos de suma importância.

Esse passado obscuro é de tal maneira importante que um estudo do povoamento do território paulista precisa principiar pelo histórico da situação "antes de Martim Afonso". Façamos, pois, desde o início uma divisão nessa pré-história: 1º) os índios; 2º) os habitantes europeus chegados antes da armada de 1532.

### OS ÍNDIOS

Os índios que habitavam o território paulista não eram tão nômades quanto a muitos parece. Sabe-se que não viviam exclusivamente de caça e pesca. Possuíam já uma agricultura que os fixava a um determinado território. Tinham uma noção muito viva dos limites do seu "país" e guerreavam sem dó aqueles que tendessem ultrapassar suas fronteiras. Viviam em aldeias fortificadas. Em certas épocas do ano, no momento da abundância de certas frutas do mato, na estação propícia à

pesca de certos peixes, partiam em grandes expedições a procura desses alimentos para voltarem mais tarde às suas aldeias. Seguiam caminhos certos e sempre os mesmos. Caminhos esse que existem até hoje trilhados pelas nossas estradas de ferro e nossos automóveis.

A influência indígena em São Paulo foi tão considerável que ela se fez sentir em quase todas as manifestações de nossa civilização. Não só, por exemplo, na maneira de construir a casa de pau a pique, como também, cremos, até, nessa nossa fala descansada, que confunde r e I característico do nosso bom sotaque paulista.

Vejam pois, muito esquematicamente, qual era a situação do povoamento indígena no território hoje ocupado por São Paulo.

No planalto, tendo como centro Piratininga, imperava o Guiana. Suas fronteiras não iam, ao Norte, além do divisor Tietê-Paraíba. No litoral, de Cananéa até as proximidades de Ubatuba. Do outro lado dessas fronteiras, ao sul, reinavam os Carijós. Ao norte, esparramados pelo Vale do Paraíba, e, atravessando a serra até Ubatuba, viviam os Tamoios.

Fronteiras muito delimitadas de um lado, imprecisas de outro. O pesquisador se vê desorientado pela falta de documentos, pela dificuldade de se reconhecerem as raças diferentes, as tribos amigas e inimigas chamadas ora por um nome, ora por outro.

Os índios do planalto usavam para se comunicarem com o litoral de três grandes caminhos: o primeiro, de Piratininga a Cubatão, trilhados pelos Guaianases; o segundo, de Taubaté a Ubatuba usado pelos Tamoios e o terceiro, ao sul percorridos pelos Carijós.

É dentro desse território pequenino, desse país dos Guaianases, que se vai desenvolver o mameluco paulista num esforço contínuo para alargar suas fronteiras até levá-las aos seus limites naturais de grandes rios e serras e viver dentro dele tão estranhamente isolado durante os primeiros séculos.

Mas não era somente, povoado esse território, de índios, antes de aqui aportar Martin Afonso de Souza.

## OS PRIMEIROS POVOADORES EUROPEUS

Náufragos, aventureiros de toda a sorte já estavam, nas primeiras décadas do século XVI, estabelecido no litoral e até serra acima. Formavam três núcleos: São Vicente, Cananéa e Santo André. Desses três núcleos o mais importante foi São Vicente. Servia já naquele tempo de porto de refresco obrigatório para as armadas em demanda do rio da Prata. Possuía recursos consideráveis, tendo em conta a época e o lugar. Alonzo de Santa Cruz não hesita em chamá-lo de "pueblo de San Vicente". Descreve seu aspecto parecido com o de uma aldeia portuguesa do século XVI com

torre de defesa de pedra. Possuía um estaleiro rudimentar para consertos de navios e até fabricação de bergantins. Seus habitantes europeus cultivavam para seu sustento e para vender aos navios de passagem, não só os mantimentos da terra como verduras européias. Criavam galinhas e porcos. São Vicente já era enfim uma verdadeira aldeia, um núcleo de povoamento europeu, o primeiro em toda a costa da América Portuguesa.

Quanto aos dois outros, parecem ter tido uma importância bem menor. Celebrizaram-se sobretudo pelos nomes de seus principais habitantes, o misterioso bacharel de Cananéa e João Ramalho.

A missão de Martim Afonso não foi portanto de fundar um núcleo de povoamento, mas mui habilmente de se aproveitar do que já existia, de se servir da base, de lhe dar uma vida oficial e localizar dentro desses núcleos os povoadores importados. Não é fundador, é colonizador. É o espírito prático, conhecedor das realidades, que sabe se aproveitar da oportunidade única de apoiar sua colonização em homens adaptados ao país e que vão em grande parte, garantir-lhe o sucesso. Martim Afonso oficializa a existência de São Vicente e com notável visão compreende a importância da aldeia de João Ramalho em pleno sertão, a única em toda a costa atlântica da América. Cria os cargos de governo, dá existência oficial, distribui terras pelos imigrantes.

São Vicente, devido a sua situação de porto de mar, prospera rapidamente. É dele que vai partir a onda povoadora. Já em 1545 Braz Cubas funda a cidade de Santos em lugar bem escolhido. Mais tarde, em tempos já de Thomé de Souza, Santo André, a boca do sertão, atrás de seus muros de pau a pique e taipa, constantemente atacado pelos índios, toma-se um verdadeiro castelo forte de fronteira.

Em torno desses núcleos já se abrem as roças, já se fundam os engenhos de açúcar, já se cria um povoamento rural. O colono lavra a terra e defende sua fazenda de armas na mão contra o índio.

Mas em meados do século XVI aparece um novo fator do povoamento com um verdadeiro método de colonizador: o jesuíta. Nóbrega com sua alta visão de político, Anchieta com a energia de um santo jesuíta, resolveram fundar serra acima, entre as tribos guaianases, um colégio para catequizar os silvícolas. A situação geográfica de São Paulo, sua localização estratégica sabiamente escolhida pelo instinto guerreiro dos índios, em pouco tempo transformou esse novo castelo forte num núcleo de povoamento de primeira ordem. A política jesuíta de aldeamento dos índios em pouco tempo esparramou pelos territórios do planalto, em torno de São Paulo, uma quantidade de aldeias. Entre essas aldeias espalharam-se as fazendas. O sertão começou a recuar.

Por outro lado, já em fins do século XVI começam a aparecer serra acima as primeiras povoações de fundação particular. Parnaíba fundada por volta de 1580 por André Fernandes, Mogi das Cruzes e Juqueri. No litoral fundam-se os núcleos de Itanhaem, Xiririca e Iguape. De tal maneira que ao alvorecer do século XVII a

situação do povoamento de São Paulo era a seguinte.

O litoral sul já era bastante povoado com as vilas de Cananéia (vila em 1578), Xiririca, Iguape, Itanhaem (vila em 1561), Cubatão, São Vicente e Santos. O litoral norte, entretanto, era muito menos povoado, não possuindo nenhuma vila. Algumas sesmarias tinham sido concedidas em São Sebastião, mas nenhuma aldeia, nenhum povoamento urbano existia. É que os terríveis Tamoios de seu quartel general em Ubatuba assolavam a costa Norte toda até o forte construído em Bertioga, como sentinela avançada da civilização paulista. O litoral Sul ao contrário, já antes do povoamento oficial de 1532, todo ele habitado pelos guaianases aliados dos vicentinos.

No planalto o núcleo principal era São Paulo. Em torno da futura capital as inúmeras aldeias de índios fundadas pelos jesuítas: M'Boy, Santo Amaro, Pinheiros, Guarulhos, Carapicuíba, Itaquecetuba, São Miguel, etc. e mais as primeiras vilas de fundação particular já citadas.

É essa esquematicamente, a situação dos núcleos de povoamento urbano de São Paulo em fins do século XVI.

## SÉCULOS XVII E XVIII

Fora desse território é o sertão. Não é, porém, um sertão tão ignoto assim. Era palmilhado pelos índios em constantes correrias. A eles freqüentemente, se juntavam brancos aventureiros. Guiados por eles bandeirantes anônimos começavam a exploração. Vindos do Rio da Prata por terra, aqui chegavam aventureiros. Portugueses e mamelucos audazes iam abrir fazendas a léguas e léguas de qualquer povoação. Entre as vilas, toda a terra já tem dono, e é mais ou menos cultivada. É dessas fazendas, dessas roças, que vai surgir o grande problema do século XVII paulista: a falta de braços. Problema tão angustioso que não respeita a lei contra a escravização dos índios, não respeita a autoridade dos jesuítas. As fazendas estabelecidas em terras ruins em torno de São Paulo não produzem o bastante para a importação de mão de obra escrava da África. O imigrante espanhol ou português, por sua vez não vinha para ser assalariado, mas para se tornar imediatamente proprietário. Não havia possibilidade de se obter um proletariado rural suficiente para se lavrar tanta terra. Só um remédio restava, de acordo com a mentalidade daqueles tempos: escravizar os índios. Foi o que se fez. Mas desde logo a população indígena dos lugares povoados foi se tornando insuficiente. Ora, os jesuítas do Paraguai haviam estabelecido ao Sul de São Paulo, formidáveis reservas de mão de obra em suas famosas reduções. Surgem então as "bandeiras de caça ao índio". O paulista ataca as reduções e volta a São Paulo com os índios escravizados. A bandeira de caça ao índio pouca importância tem para o povoamento. O bandeirante

dessa época não funda cidades, não é um povoador, suas expedições são de caça, guerreiras, de abastecimento de mão de obra. O bandeirante do primeiro período, parte sertão a dentro, passa anos fora, mas volta a terra natal. Volta sempre, quer ele tenha ido caçar índios no Paraguai, quer ele tenha ido até o Peru em busca de ouro e aventuras. Só mais tarde, quando os indícios de ouro são certos, é que o paulista organiza suas bandeiras não mais guerreiras, mas exploradoras.

As bandeiras do segundo período são mais organizadas no sentido de uma grande exploração. O bandeirante não vai mais fazer uma guerra, uma "razzia", mas explorar um território. Saem depois de conhecer uma parte do caminho, nele estabelecem pousos. Nesses pousos plantam roças, abrem fazendas para servir de ponto de reabastecimento e descanso. Dessas escalas é que mais tarde nascem as cidades.

Mas, abrangendo esse longo período de dois séculos, estudando o mapa das zonas do Brasil povoadas pelos bandeirantes paulistas, a conclusão é que as bandeiras tiveram uma importância mínima no povoamento de São Paulo. A bandeira foi um elemento despovoador de São Paulo. O bandeirante despovoou São Paulo. Povoaou o Brasil. E quando se calcula dos séculos XVI e XVII e se compara o vasto território por eles povoado, e se estuda a imigração quase nula para São Paulo, onde não havia ouro nem diamantes, é que se compreende melhor a terrível crise, a verdadeira decadência de Piratininga na segunda metade do século XVIII devido a falta de gente. Se se considera por outro lado a sangria tremenda feita na população paulista pelas guerras do sul, pelos alistamentos obrigatórios para se fundarem colônias-militares em terras da fronteira do Brasil, é que se explica melhor como um agente tão aguerrido não tenha em fins do século XVIII povoado e explorado todos os seus limites naturais.

De fato, em começo do século XIX é extremamente pequeno o número de cidades no território paulista. Apenas estão povoados os caminhos para as minas. Para se ir as mais importantes, as Minas Gerais, seguia-se o vale do Paraíba. Não sendo o rio praticamente navegável, ia-se por terra. As cidades iam surgindo. A princípio muito distantes uma das outras. Novas escalas intermediárias iam-se fundando a medida que o comércio se ia desenvolvendo. E enquanto não se canalizava o ouro para o Rio de Janeiro com a construção de uma estrada, surgem cidades no alto da Serra do Mar como pousos do comércio mineiro. Esses comércios se faziam sobretudo pelos dois caminhos dos índios: Parati — Cunha e São Luiz do Paraitinga — Ubatuba.

É essa zona do vale do Paraíba a mais povoada de cidades, a mais próspera, conquistada pelos primeiros mamelucos aos Tamoios, aos "contrários" de que fala João Ramalho. Essa gente do vale do Paraíba, oriunda de uma mescla com índios de outras tribos que a dos campos de Piratininga, vivendo durante séculos mais ligada à gente mineira e fluminense, cedo vai se diferenciar da gente do vale do Tietê e conservar um caráter especial até nossos dias.

Para se ir a Goiás, seguia-se mais ou menos o traçado da atual Mogiana por Mogi-Mirim, pouso de bandeirantes fundada em meados do século XVII.

Para se ir as minas de Mato Grosso seguia-se por terra até Porto Feliz. Daí em diante o rio é navegável e o bandeirante não tem a mesma necessidade de cidades e vilas. E Porto Feliz, fica sendo a boca do sertão, do sertão por onde se vai de canoa, varando cachoeiras.

Para se ir para o Sul, para os campos de Curitiba e as Missões, seguia-se o mesmo caminho que hoje, por Sorocaba, Itapetininga e Faxina.

Mas com a decadência das minas, ganha a agricultura. O paulista emigra menos. Procura em seu próprio território as terras melhores para cultivar. Começa então o verdadeiro povoamento pela emigração dos proprietários de terras cansadas para as terras demais rendimento, "atraídos pela fertilidade da terra". Essa emigração de paulistas em procura de terras roxas mais tarde, já em pleno século XIX, é que se desenvolve graças ao grande povoador, o grande colonizador, o verdadeiro civilizador do paulista: o café.

Até então, até a época que o nosso modesto estudo abrange, as cidades paulistas não iam além da zona já delimitada.

Fora dessa zona é a frase impressa nos mapas de nossa infância "território desconhecido, habitado por índios selvagens".

Estabelecidas as três grandes etapas do povoamento de São Paulo, verificamos que apesar de abrangerem um enorme período da história paulista, apesar das inúmeras cidades fundadas por motivos diversos, podemos estabelecer uma certa classificação entre essas cidades, ou melhor, classificar os diferentes métodos usados nesses tempos para se fundar uma cidade.

A classificação que proporíamos seria a seguinte:

- I. Povoador anônimo
- II. Aldeia de índios
- III. Sesmarias — fazenda
- IV. Capela
  - a. Particular
  - b. Coletiva
  - c. Romaria
- V. Pouso
  - a. de bandeira
  - b. de tropa
- VI. Fundação deliberada
  - a. Colônia militar
  - b. Patrimônio

Essa classificação seria válida para o período estudado. De fato como notamos, durante o século XIX o desenvolvimento rápido de São Paulo em tomo da cultura do café, transformou de tal maneira a nossa civilização que seria

necessário um estudo especial para essa época e abrir, pensamos, duas novas categorias que chamaríamos de "Patrimônio industrial" e "Estação de estrada de ferro".

## **Povoador Anônimo**

Antes da expedição de Martim Afonso de Souza o povoador anônimo, é o aventureiro, o náufrago. É o misterioso bacharel de Cananéa, é João Ramalho, Gonçalo da Costa, Antônio Rodrigues. São todos aqueles que viviam perdidos nesta costa vivendo com uma gente... "que comem carne humana y es muy buena gente", como diz Diego Garcia.

Localizavam-se nas aldeias de índios, viviam mais ou menos como eles. O índio para eles significava recursos, quando amigo. A importância desses primeiros povoadores anônimos é por demais evidente para ser necessário fazê-la ressaltar. Foram o chamariz para os primeiros imigrantes europeus, os verdadeiros fundadores dos primeiros núcleos de povoamento já estudados.

Mais tarde, e mesmo até hoje, o povoador anônimo é o caboclo que entra pelo sertão e que se estabelece em terras alheias ou devolutas. É o "intruso" com posse feita, lavrando uma terra que não lhe pertence. É o "sem terra". Sem recursos para comprá-la, sem proteção para obtê-la, sem habilidade para se apossar. É também, as vezes, o inadaptado à civilização, tipo primitivo que não pode viver ao lado do progresso e que muda de lugar assim que a civilização se aproxima. São tipos de todos os tempos. Encontramo-los em qualquer século. Sejam os "moradores" anônimos de Araraquara, já na primeira metade do século XVIII, sejam os cultivadores estabelecidos na região das terras massapé de Campinas em fim do século XVIII, sejam os caboclos intrusos das terras da Noroeste de hoje.

Nessa classe é preciso também incluir os "fugidos da justiça". Gente criminosa que para fugir da ação da polícia entra pelo sertão a dentro, abre roça e fica a espera que o tempo passe e com ele o esquecimento de seus crimes. É também o desordeiro de todos os tempos que a polícia mandar soltar no sertão. Assim já no século XVIII procediam os capitães mores de Porto Feliz e Itú mandado deportar para a confluência do rio Tietê com o Piracicaba quem praticava crimes em suas cidades. Mais tarde, quando a civilização se aproxima, é junto dos povoadores anônimos que ela vai localizar, no lugar já "aberto", e muitas e muitas vezes é ali que se vai fundar a cidade. Assim tiveram origem muitas de nossas cidades e assim continuam a nascer no sertão até nossos dias.

## Aldeia de índios

O jesuíta do século XVI foi o único pregador da fé que tinha um método e uma disciplina própria quanto a catequese de índios. O jesuíta não se contentava em catequizar o gentio, procurava transformá-lo em "soldado de Cristo". Reunia os índios em aldeias, submetia-os a uma disciplina, a um método de vida coletiva. Obrigava-os a trabalhar a horas certas, e reunirem o produto do trabalho em comum para ser aproveitado por todos da comunidade. Esse método deu no Paraguai os resultados mais favoráveis. Verdadeiras cidades foram assim fundadas.

Em São Paulo, porém, bem menor foi o resultado. Seguindo o método jesuíta os Anchietas fundaram em torno de Piratininga, onde a população indígena era bastante densa, diversas aldeias. Ora reuniam os índios esparsos pelo interior em um determinado lugar, ora estabeleciam a redução numa aldeia já existente. Mas a vizinhança do homem branco, a pobreza da terra a ser cultivada e a índole dos nossos indígenas pouco se ajeitou à disciplina de vida imposta pelos santos jesuítas, a falta de braço para a lavoura e a proibição da escravidão dos índios, provocaram a crise da expulsão dos jesuítas e a decadência rápida das aldeias. Já em fins do século XVIII as poucas que ainda existiam viviam a mais miserável das existências. Somente hoje em dia com o desenvolvimento da capital é que esses lugarejos retornam à vida como subúrbios.

## Sesmarias e Fazendas

A sesmaria foi um dos processos mais comuns de povoamento de São Paulo.

Requeria-se uma sesmaria, alegando alguém não ter terras suficientes para manter a família, pretende ir povoar determinado lugar, etc. Assim Diogo de Unhatte em princípios do século XVII alegava, entre outras coisas, para obter sesmaria em São Sebastião, ter cinco filhos para casar. Francisco Rodrigues requer em 1601 que se lhe dê uma sesmaria perto de Sorocaba por estar a caminho desse termo "a povoar e lavrar mantimentos". Uma vez concedida a terra mudava-se para ela o dono com sua família. É preciso considerar que quando se diz família nos primeiros séculos de nossa história, entende-se a "gens" toda, composta de toda a parentela e dos administradores. Era a tribo que se mudava e quando um paulista alegava que queria ir povoar com a família, povoava de fato.

Estabelecia-se o povoador no lugar mais apropriado e começava a cultivar. Dessa fazenda é que vai nascer mais tarde o núcleo do povoamento.

E preciso observar entretanto que nem sempre os povoadores se instalavam em terras cujas sesmarias já tinham obtido. Muitas vezes instalavam-se primeiro e, depois, de posse da terra, é que requeriam a sesmaria alegando serem "moradores antigos do lugar". Outras vezes o proprietário dava parte de suas terras. É o caso de

André Fernandes proprietário de uma sesmaria que compreendia os atuais municípios de Paranaíba, São Roque, Itú e Sorocaba. André Fernandes dava terras "de amor em graça". Braz Cubas obteve em 1560 uma enorme sesmaria que começava embaixo da serra e ia até Mogi das Cruzes. Dentro dela fundou uma fazenda. Mais tarde para essa sesmaria mudou Braz Cardoso e sua "gens". O núcleo primitivo foi se desenvolvendo e em 1611 já era a Vila de Mogi das Cruzes.

A sesmaria entretanto tem um valor maior para o povoamento rural, esparsos, que para o povoamento concentrado em forma de cidade. A sesmaria produziu a fazenda, a fazenda a capela, ou o patrimônio, e esses, as cidades.

## Capela

A capela foi o fator mais freqüente da fundação de cidades em São Paulo até fins do século XVIII.

Vejamos como se estabelecia esse núcleo de povoamento.

Desde já podemos estabelecer três categorias de fundações de capelas como ficou dito:

- a) a fundação individual
- b) a fundação coletiva
- c) a fundação de romaria

No primeiro caso, o habitante de um determinado lugar, estabelecido em suas terras, longe de todo o socorro espiritual, resolve, a sua custa, construir uma capela. Feita a construção sob a invocação de algum santo de sua particular devoção, o fundador por ato público ou testamento dota a capela. Esse dote é geralmente constituído de uma determinada área de terras em torno do templo. Alguns devotos ricos dotam suas capelas em testamento com a terça de seus bens e donativos especiais como prédios em cidades próximas, dinheiro, alfaias, etc. Lourenço Franco da Rocha dota a sua capela de Campo Largo de Atibaia com "moradores de casa" em Atibaia. Geralmente o fundador da capela designa um parente para administrar o legado. A esse administrador e que cabe dar ou vender as terras em torno do templo às pessoas que ali desejam se estabelecer e que mais tarde vão formar os primeiros habitantes da vila.

No segundo caso, a capela não é fundada por uma só pessoa mas sim pela cooperação dos habitantes esparsos que desejam ter perto de si os socorros espirituais. Nesse caso a capela é edificada em lugar escolhido de acordo, dentro das terras de um dos fundadores ou nas divisas de diversos.

A distinção é importante. Pois no primeiro caso a capela se estabelece em lugar menos povoado que no segundo. No primeiro, a capela pressupõe uma família de habitantes, no segundo vai a capela servir a uma região já mais povoada.

Jundiáí pertence ao primeiro caso: pois foi pelos anos de 1615 que Rafael de Oliveira e a viúva Petronilha Rodrigues Antunes para fugirem da ação da justiça, entraram para o sertão com suas famílias e ali se estabeleceram "edificando logo depois" uma capela sob a invocação significativa de Nossa Senhora do Desterro.

Araçariguama pertence ao segundo caso. Ali possuíam importantes fazendas Francisco Rodrigues Penteado, Guilherme Pompeu de Almeida e seu filho, o famoso ricoço e banqueiro dos bandeirantes. Reunidos é que edificaram a capela para socorrer no espiritual os habitantes esparsos do lugar.

Ora, no primeiro caso, é provável que a região de Jundiáí fosse nesse tempo pouco povoada. No segundo, ao contrário, sabemos que a capela vinha atender aos desejos dos fazendeiros do lugar em território já bastante povoado.

Quanto ao terceiro caso, a fundação de capelas de romaria, é pouco freqüente em São Paulo nos séculos estudados. Existem apenas duas dessa forma de fundação: Aparecida e Pirapora. Por volta de 1719, o pescador João Alves pesca no Paraíba uma imagem de Nossa Senhora. Em 1743 o bispo dá licença para se construir uma capela para a santa. Os milagres se repetem e em torno da capela se forma a vila graças aos romeiros. Em Pirapora, o caso é um pouco diferente. Depois de ganhar uma capela construída e dotada por José de Almeida Neves, em 1730, é que o Bom Jesus se torna milagroso e que os romarios se repetem dando nascimento a uma cidade.

Em todos os casos, porém, a capela serve de fixação de uma população mais ou menos esparsa. É em torno da capela que se cria a vila. Para ela converge a vida da região. Em torno dela se estabelece o comércio, o centro consumidor e a cidade.

## Pouso

### a) Pouso de bandeira

É engano pensar-se que as bandeiras eram compostas de aventureiros andando ao acaso pelo sertão em busca de índios ou de metais preciosos. Ao contrário, a bandeira obedecia a uma organização rigorosa quer na sua composição, quer no seu itinerário. Antes de partir a bandeira, hierarquicamente organizada, mandava o chefe estabelecer ao longo do caminho que pretendia seguir, pontos de reabastecimentos e descanso. Nesses lugares estabeleciam-se roças.

Nessas roças, mais tarde, é que se ia fixar diretamente, o núcleo de povoamento urbano. A sorte desse núcleo estava intimamente ligada à sorte das bandeiras. Assim é que a riqueza das Minas Gerais e Goiás deram um desenvolvimento rápido a Mogi-Mirim e Mogi-Guassú, roças primitivas em pouco tempo transformadas em vilas. O mesmo aconteceu a Porto Feliz, ponto de embarque dos paulistas que iam explorar as Minas de Cuiabá. Por sua vez a decadência da mineração deu um golpe

terrível nessas vilas. A construção da estrada ligando diretamente Minas Gerais e Rio de Janeiro, canalizando todo o comércio mineiro para fora de São Paulo, foi o começo da decadência das cidades do vale do Paraíba, decadência da qual só o café em pleno século XIX as iria salvar.

Mas, enquanto as minas estiveram em plena prosperidade foi enorme o movimento de vai e vem da "caravana humana". Surge então um novo processo de fixação da população:

## **b ) Pousos de tropa**

A tropa, a tropa de burro, não tem grande importância até o século XVIII, pois até então o verdadeiro "burro de carga" é o índio. Mas a tropa humana como a de burro, também estabelece pousos ao longo do caminho comercial. É interessante notar, mais uma vez, que os caminhos seguidos pelo comércio são sempre as velhas estradas há séculos percorridas pelos índios. Assim é que os trilhos dos índios Tamoiós entre o vale do Paraíba e Ubatuba e Parati se transformam em verdadeiras estradas comerciais com pousos em Cunha e São Luiz do Pirahitinga. Por essas estradas se faz grande parte do comércio das minas. E mais tarde, com o aparecimento da agricultura intensiva, multiplicam-se os pousos e surgem as cidades.

## **Fundação deliberada**

### **a) Colônia militar**

A política exterior portuguesa do século XVIII, seguida pelos governadores de São Paulo, foi quase exclusivamente a de recuar o mais possível, pela ocupação de fato, as fronteiras do Sul do Brasil em detrimento de Espanha. Ocupar e defender a posse com tratados. Para realizar essa posse efetiva, os governadores gerais usavam o sistema bárbaro das colônias militares povoadas à força. Toda essa política foi feita quase que exclusivamente com gente de São Paulo. Assim se fundaram Lages, Castro, Sacramento e Iguatemi. O fracasso terrível da maioria dessas povoações instaladas em lugares inadequados foi um dos fatores mais importantes do despovoamento de São Paulo.

A colônia militar, isto é, a cidade mandada fundar pelo governo, no século XVIII, não age, para São Paulo como fator de povoamento mas de despovoamento. Aliás o governo colonial em nada contribuiu para o povoamento de São Paulo.

## **b) Patrimônio**

Chamamos de patrimônio a terra destinada pelo seu proprietário a ser nela construída uma cidade. É preciso entretanto distinguir duas classes de patrimônio: 1º, patrimônio oriundo de um dos tipos já classificados (sesmarias, fazendas, capelas, etc) e o patrimônio direto, isto é, a terra destinada a ser repartida em lotes urbanos.

O proprietário, longe de uma cidade, com o intuito quer de valorizar sua terra criando na proximidade um centro consumidor e distribuidor, quer com a intenção de fixar perto de sua fazenda uma reserva de mão de obra, escolhe uma área que divide em lotes que vende ou dá a quem queira aí fixar residência.

Esse tipo de povoamento urbano existiu desde as primeiras eras. Santos não passa de um patrimônio fundado por Braz Cubas. Mas é sobretudo com o progresso da agricultura no século XIX que o patrimônio se desenvolve de tal maneira que chega quase a absorver todos os outros tipos de povoamento urbano.

Terminado esse esquema de classificação é necessário frisar bem que ele não deve ser tomado como uma coisa rígida, uma classificação completa e definitiva.

Nem todas as cidades fundadas até fins do século XVIII se encaixam perfeitamente dentro deste ensaio de classificação. Não abrimos um parágrafo para as cidades fundadas em torno de minas em São Paulo. A pobreza de nosso sub-solo em minerais preciosos não podia facilitar a fundação de cidades.

Não se pode tão pouco estabelecer épocas dentro das quais se fundaram cidades de um determinado tipo. O povoador anônimo gênero bacharel de Cananéa, ainda existe, e se não se fundam hoje em dia tantas vilas em torno de capelas com patrimônio é que nossa época é de indiferença religiosa. Mas fundam-se ainda patrimônios diretos. As colônias militares dos governadores gerais do século XVIII tem sua sósia nos núcleos coloniais do século XIX.

Muitas vezes as cidades devem sua origem a fatores diversos e são difíceis de se encaixar em um dos tipos descritos. Vejamos um exemplo: Em 1560 D. Francisco de Souza resolve fundar uma povoação perto das minas de Araçoiaba. Morrendo em 1611, não foi adiante a povoação. Em 1645 Baltazar Fernandes e seus genros emigram de Paraíba para essa região onde tinham obtido sesmarias e fundam uma capela com patrimônio. Nasce a cidade de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. Sorocaba é oriunda de sesmaria? De capela? De patrimônio? Faria parte das poucas cidades fundadas em torno de minas?

Mas toda gramática tem regras e exceções, e embora a maior parte da gente consiga se exprimir perfeitamente sem conhecer gramática, não quer isso dizer que ela seja inútil. É um método de estudo como outro qualquer.